

Nexus Econômicos
v. 16, n. 1, jan-jun. 2022
p. 8–40
doi.org/10.9771/rene.v16i1.55547



A conceituação Marxiana de valor n' *O Capital*

Marx's conceptualization of value in Capital¹

Geert Reuten²

Resumo: Este artigo analisa as três etapas conceituais dos determinantes do valor das mercadorias n' *O Capital* de Marx. O artigo conclui que a segunda etapa dinâmica (desenvolvida em 1866–67) supera a terceira etapa – dos preços de produção (desenvolvida em 1864–65). A primeira etapa (*Capital I*, Parte Um) é uma importante consideração de médias estáticas, postulando que o valor das mercadorias é determinado pelo tempo médio de trabalho socialmente necessário. A segunda etapa (*Capital I*, Parte Quatro) é uma análise dinâmica da 'intensidade do trabalho' e da 'força produtiva do trabalho' principalmente determinada pela tecnologia, cada uma delas implicando, primeiro, que o tempo de trabalho cronometrado é uma medida insuficiente e, segundo, que as taxas de mais-valor divergem entre os setores de produção. Enquanto as taxas inter-setoriais de mais-valor determinadas pela intensidade podem se igualar devido à competição intra-laboral, Marx não postula um mecanismo semelhante de igualdade em relação à força produtiva determinada pela tecnologia. A terceira etapa

¹Nota de Tradução: Esta tradução é da versão do autor de fevereiro de 2018; a versão final deste artigo apareceu em *The Oxford Handbook of Karl Marx*, editado por Matthew Vidal, Tony Smith, Tomás Rotta e Paul Prew, Oxford University Press, p. 129–150, que por motivos concernentes aos direitos autorais não pudemos utilizar. A tradução deste texto foi feita a quatro mãos. Em uma primeira etapa, de tradução básica do inglês para o português, o trabalho foi feito por Luiza Mascarenhas Soares, aluna de graduação da Faculdade de Economia da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e bolsista de iniciação científica CNPq. Na segunda etapa, de revisão e adequação da linguagem de acordo com as traduções brasileiras d' *O Capital* oferecidas pela editora Boitempo e também de aprimoramento sobre o próprio texto original, o trabalho foi feito por Lucas Trentin Rech, professor do Departamento e do Programa de Pós-Graduação em Economia da UFBA. Os aprimoramentos do texto, que sempre aparecem entre < > no corpo do texto, têm o intuito de tornar a leitura em português mais fluída, já que uma tradução mecânica / literal implicava em leitura bastante truncada. A utilização de aprimoramentos foi evitada ao máximo, para que se preservasse o conteúdo, e a forma, original do texto gentilmente cedido a este Dossiê por Geert Reuten.

²Universidade de Amsterdã, School of Economics.

postula a transformação dos valores em preços de produção (*Capital* III, Parte Dois – cujo texto se baseia em um manuscrito de 1864–65). A principal descoberta do artigo é que o determinante da ‘força produtiva associada à tecnologia’ foi um resultado inovador da versão final de 1866–67 d’*O Capital* I (1867) de Marx, tornando redundante sua terceira etapa anterior.

Palavras-chave: Valor; Marx; Força produtiva do trabalho; Intensidade do trabalho; Valor estático e dinâmico da mercadoria; Transformação de valor.

Abstract: This article reviews the three conceptual stages of the determinants of the commodities’ value in Marx’s *Capital*. It concludes that the dynamic second stage (designed in 1866–67) overrules the third stage – of prices of production (designed in 1864–65). The first stage (*Capital* I, Part One) is an important, though static averages account, positing that the commodities’ value is determined by average socially necessary labour-time. The second stage (*Capital* I, Part Four) is a dynamic account of the ‘intensity of labour’ and the mainly technology determined ‘productive power of labour’, each one implying, first, that clock-time of labour is an insufficient measure and, second, that rates of surplus-value diverge between sectors of production. Whereas intensity determined inter-sector rates of surplus-value might equalise due to intra-labour competition, Marx posits no mechanism for such equalisation regarding the technology determined productive power. The third stage posits the transformation of values into prices of production (*Capital* III, Part Two – its text being based on a manuscript from 1864–65). The article’s main finding is that the determinant of the ‘technology associated productive power’ was a novel result of Marx’s 1866–67 final version of *Capital* I (1867). It makes Marx’s earlier third stage redundant.

Keywords: Marx on value; Marx on labour productivity; Labours productive power; Intensity of labour; Static and dynamic commodity value; Transformation of value.

JEL codes: B14; D46; E11.

I Introdução³

N’*O Capital* Marx nunca utiliza o termo ‘teoria do valor-trabalho’ como uma designação de seu próprio trabalho e, com duas exceções, nem mesmo o termo ‘teoria do valor’⁴. No entanto, o conceito de ‘valor’

³Sou extremamente grato a Tony Smith por seus comentários sobre uma versão anterior deste artigo.

⁴A exceção é uma única frase no Posfácio da 2ª edição d’*O Capital* I e a outra uma única frase em *O Capital* III, Cap. 8.

é fundamental em toda sua obra. Uma das principais preocupações de Marx é rastrear o ‘porquê’ e o ‘como’ da ‘acumulação de capital’ que domina a sociedade capitalista, e ele vê na forma-valor das mercadorias sua ‘forma celular’.

Neste artigo, apresento as três principais etapas da conceituação de Marx sobre o valor das mercadorias n’*O Capital*. Após uma seção preliminar (Seção II), começo com o que chamo de explicação das ‘médias estáticas’ n’*O Capital* I, Parte Um⁵ (Seção III). Em seguida, passo para a explicação dinâmica de Marx sobre o valor das mercadorias n’*O Capital* I, Parte Quatro. Veremos que os dois principais fatores dessa dinâmica são a ‘intensidade do trabalho’ e a ‘potenciação do trabalho’, cada uma mudando e divergindo dentro e entre ramos da produção – a potenciação⁶ do trabalho junto com as divergentes e cambiantes ‘forças produtivas do trabalho’. Embora Marx já introduza cada um desses conceitos na Parte Um, ele os mantém constantes até a Parte Quatro. Uma das conclusões da explicação dinâmica <efetuada pelo filósofo-economista alemão> é que o tempo de relógio é uma medida insuficiente para o tempo de trabalho. Indicarei que, enquanto a intensidade do trabalho já figurava nos manuscritos de Marx de 1861–65, a ‘potenciação do trabalho’ relacionada à técnica foi uma nova ideia de Marx durante a composição da primeira edição d’*O Capital* I em 1866–67 (Seção IV).

A Seção V avança para a terceira etapa, que é a transformação marxiana do valor no preço de produção das mercadorias, como encontramos n’*O Capital* III, Parte Dois, escrito em 1864–65. A Seção VI mostra como esse manuscrito é incompatível com as novas ideias de Marx de 1866–67 e também como é relativamente fácil explicar essa incompatibilidade por meio de uma reconstrução; fácil, mas com consequências bastante significativas em relação à história da teoria marxista^{7 8}.

⁵[N.T.] O que o autor chama de ‘Parte’ é o que na edição em português aparece enquanto ‘seção’. Nossa opção por manter ‘parte’ se dá pois o autor costuma se referir a partes deste trabalho enquanto seções, logo, para que o leitor não confunda as seções d’*O Capital* com as deste artigo, mantivemos o termo empregado pelo autor a partir da versão em inglês.

⁶[N.T.] No texto original, Geert utiliza-se da palavra ‘empowerment’, que poderia, também, ter sido traduzida enquanto capacitação. Optamos por potenciação dado que, nas línguas latinas mais próximas, espanhol e italiano, a tradução se encaminha, sempre, para *potenciação* e, principalmente, na edição da Boitempo aparece enquanto ‘trabalho potenciado’ (MARX, 2013, p. 122).

⁷[N.T.] Em todo o artigo, Geert Reuten se utiliza da palavra marxian, em minúsculo, para se referir ao que, no Brasil, conhecemos enquanto autores marxistas. Como escolha de tradução usaremos o padrão nacional: marxiano(a) será utilizado para contribuições do próprio Marx e marxista para contribuições de autores que se dedic(ar)am à análise e continuidade de sua obra.

⁸Porque cada uma das traduções exatas e a datação exata dos manuscritos de Marx são bastante importantes em todo este artigo, adoto as seguintes convenções. Em todas as CITAÇÕES,

Nas Seções II a V, procuro fornecer uma interpretação justa da conceituação de Marx sobre o valor ao longo d' *O Capital*, deixando de fora quaisquer ideias oriundas das minhas próprias contribuições para a teoria marxista.

II O contexto

Nesta seção, apresento brevemente seis pontos relevantes para o restante deste artigo, incluindo para as conclusões que apresentarei.

II.I O objetivo d' *O Capital* e *O Capital*

O Capital de Marx apresenta uma exposição do modo de produção capitalista. O objetivo final dos capitalistas (empresas e seus financiadores) é a acumulação de capital. Em *O Capital*, Marx demonstra como o capital é produzido pelo trabalho através da produção de mais-valor. A forma de valor das mercadorias é a forma elementar da produção e acumulação de capital. O essencial para a exposição marxiana é o caráter duplo das mercadorias (como entidades úteis e como valores) e o caráter duplo do trabalho associado a elas. Por isso, o conceito de valor e especialmente a produção de valor pelo trabalho são centrais.

II.II A ruptura paradigmática de Marx em relação à Economia Política Clássica

Marx, o fundador do paradigma da economia política que leva seu nome, realizou uma ruptura paradigmática tanto com a filosofia hegeliana quanto com a economia política clássica. <Assim, o autor> compartilha o destino de todos os fundadores de paradigmas: a ruptura,

o destaque de Marx está em *itálico*; meu próprio destaque está sublinhado. Em todas as citações, as inserções entre [colchetes] são feitas pelo tradutor ou editor, conforme a edição citada, ou por mim para completar uma elipse. As inserções entre chaves são de minha autoria, geralmente relacionadas à tradução do alemão para o inglês; os termos em alemão, nesse caso, estão em itálico. As elipses dentro de uma frase ou no final de uma frase são indicadas por três pontos ... Elipses indicadas por três pontos entre colchetes [...] referem-se a uma ou várias sentenças. Minhas REFERÊNCIAS a Marx incluem principalmente uma versão em inglês e uma em alemão. Para isso, uso a seguinte convenção: (a) para textos publicados por Marx ou Engels, como 'Marx 1890 [1867] MEW', onde a adição MEW denota a edição citada (neste caso, Marx-Engels *Werke*) ou a adição EDF (neste caso, tradução para o inglês por David Fernbach); (b) para manuscritos (ms) não publicados literalmente por Marx ou Engels, como 'Marx {1864–65 ms} 1993 MEGA', onde a data entre chaves indica o ano (provável) do manuscrito, o ano seguinte é o primeiro ano de publicação e a adição é a edição citada (neste caso, Marx-Engels-*Gesamtausgabe*) ou a adição EBF (neste caso, tradução para o inglês por Ben Fowkes). Refiro-me ao MEW para aqueles textos que não estão disponíveis digitalmente na MEGA no momento da escrita.

em grande parte, precisa ser formulada na linguagem do paradigma anterior. Isso traz consigo inevitáveis ambiguidades. Essas ambiguidades e problemas de interpretação são, de alguma forma, resolvidos ou acomodados por aqueles que trabalham na nova linguagem paradigmática (o que Kuhn, em sua obra *A estrutura das revoluções científicas*, chamou de ‘solução de quebra-cabeças’), o que pode assumir a forma de ‘reconstruções’ do trabalho do criador do paradigma.

II.III Método: progresso conceitual

Relacionado ao ponto anterior, sempre houve controvérsia sobre o método de Marx entre os autores marxistas, principalmente em relação ao caráter de sua ruptura com Hegel. No entanto, poucos contestam que Marx, n’*O Capital*, adota um método de progresso conceitual em camadas, partindo de conceitos gerais e relativamente simples para conceitos particulares e complexos (esse método pode ser denotado como um tipo de dialética sistemática, ou como o que Sweezy ([1942] 1968) chamou de ‘aproximação sucessiva’). Isso se aplica a todos os principais conceitos de Marx, e especialmente ao seu conceito de valor.

II.IV A ordem histórica dos escritos de Marx para *O Capital*

Vemos essa estrutura conceitual também no projeto dos três volumes d’*O Capital*. Como é bem conhecido, Marx completou apenas o primeiro volume, sendo os outros dois editados por Engels com base nos manuscritos marxianos. Para todos os principais conceitos de Marx, e especialmente para o conceito de valor, é <extremamente relevante que haja destaque para o fato> de que o manuscrito para *O Capital* III e grande parte do <Livro> II tenham sido escritos antes <da versão final> d’*O Capital* I (ver Tabela 1, linhas 1–3).

A ordem aqui é particularmente importante porque, conforme indicado pelo editor da MEGA, Vollgraf, com os rascunhos para *O Capital* de 1864–81, Marx começou de fato um novo projeto conceitual, em contraste com seu projeto de 1857–63. Os dois “diferem em conteúdo e estrutura” (VOLLGRAF, 2018, p. 71).

É muito provável que se Marx tivesse vivido mais tempo, ele teria reescrito seus rascunhos para os volumes II e III de acordo com suas novas descobertas em *O Capital* I de 1866–67.

Nas Seções III–V, farei uso das obras das linhas 1–3 da Tabela 1, bem como da linha 5, ‘Resultados do processo direto de produção’.

Tabela 1: Ordem de publicações e manuscritos do 'Projeto Capital' de Marx.

		Publicação da 1ª edição (Alemão)	Manuscrito principal de Marx (da 1ª edição)	Ordem do ms
1	Capital I	1867 (Marx) ^ξ	1866–67 ^η	4
2	Capital II	1885 (ed. Engels)	1865; 1877–81	3/5
3	Capital III	1894 (ed. Engels)	1864–65	2
4	Capital I	penúltimo rascunho ^ψ	1863–64	1
5	Resultados ^ζ	1933 (ms publicado)	1864	1

Fontes: Vollgraf (2012) e Hubmann e Roth (2013).

Notas: ξ 2ª edição (Marx) 1872; 3ª edição (de fato, de Marx) 1883; 4ª edição (de Engels) 1890.

^η Por grande parte de sua Parte Um, revisando seu trabalho de 1859, e por grande parte das Partes Dois a Seis, revisando seus manuscritos de 1863–64 (veja Vollgraf (2012) e Hubmann e Roth (2013)).

^ψ Fundido no rascunho final de 1866–67, exceto pelo próximo texto.

^ζ 'Resultados do processo direto de produção'.

II.V Marx como crítico contínuo de Marx

Os dois principais projetos de Marx e a contínua revisão e reconceitualização de seus textos (que continuaram após 1867 – veja especialmente MEGA II.4.3; II.7; II.11 e II.14) mostram como Marx foi continuamente seu próprio crítico principal. Isso demonstra sua atitude científica rigorosa. É muito provável que, se tivesse vivido mais, isso teria sido prolongado. Na minha opinião, portanto, a melhor homenagem a Marx é não apenas interpretar seus textos (com todos os seus problemas – Subseção II.II), mas ser um crítico de Marx como ele o era e, assim, continuar a reconstruir e expandir o seu projeto. A pior atitude, alheia a Marx, é considerar seus escritos transmitidos como a verdade final.

II.VI A concepção das 'médias' de Marx em *O Capital I*

Uma questão final à qual farei referência no restante deste artigo – que recebeu pouca atenção na literatura – diz respeito à concepção das 'médias' de Marx, especialmente no primeiro livro d'*O Capital*. Eu destaquei isso em um artigo de 2004. <O mesmo argumento que elaborei> foi, depois, enfatizado por Vollgraf (2012, p. 50–51). <O que indicamos é> que Marx foi influenciado pelo matemático e estatístico belga Quételet, que em um trabalho de 1835 foi o primeiro a aplicar 'médias' nas ciências sociais.

Abaixo (Seção IV), veremos a importância da contabilização média

nas Partes Quatro e Cinco d' *O Capital I*, especialmente cruciais para a conceituação de valor marxiana. Marx parte das médias sociais, passa para a divergência e mudanças das médias e, em seguida, retorna às (novas) médias sociais.

É importante notar que essa contabilização de médias dos capitais individuais não é a mesma que uma conta macroeconômica. Além disso, Marx é muito explícito ao afirmar que somente n' *O Capital II*, Parte Três (onde ele apresenta seus esquemas de reprodução), passa-se do capital individual para o 'capital social total' – ou o que é chamado de 'macroeconomia' desde 1933⁹.

III A conceituação estática do valor: médias (*O Capital I*, Parte Um)

III.1 Elementos da conta inicial estática ou de médias do valor: capítulo 1

Em *O Capital I*, capítulo 1, seção 1, Marx postula a dualidade entre valor de uso e o valor <de troca> das mercadorias e, junto a isso, a dualidade presente entre trabalho concreto e trabalho abstrato. Em uma sociedade produtora de mercadorias, os produtos não apenas possuem um valor de uso (utilidade) – que é o produto do trabalho concreto – mas também um valor de troca. As dualidades introduzidas aqui são fundamentais para toda a sua posterior exposição n' *O Capital*.

(a) *O valor das mercadorias e o conceito de trabalho abstrato*

É assim que 'trabalho abstrato' e 'valor' são introduzidos pela primeira vez:

If then we disregard the use-value of commodities, only one property remains, that of being products of labour. [...] If we make abstraction from its use-value, we abstract also from the material constituents and forms which make it a use-value. [...] [With it] the useful character of the kinds of labour embodied in them also disappears {*aufgelöscht*: dissolves} this in turn entails the disappearance of the different concrete forms of labour. They can no longer be distinguished, but are altogether reduced to the same kind of labour, human labour in the abstract (Marx 1890

⁹Marx 1893 [1885] EBF, especialmente p. 427–430 e 469–470.

[1867] EBF, p. 128; cf. 1890 [1867] MEW, p. 52; abaixo, eu abrevio as referências como MEW para o alemão e EBF para a tradução em inglês por Fowkes).

<Prescindindo do valor de uso dos corpos das mercadorias, resta nelas uma única propriedade: a de serem produtos do trabalho. [...] Se abstraímos seu valor de uso, abstraímos também os componentes [*Bestandteilen*] e formas corpóreas que fazem dele um valor de uso. [...] Com o caráter útil dos produtos do trabalho desaparece o caráter útil dos trabalhos neles representados e, portanto, também as diferentes formas concretas desses trabalhos, que não mais se distinguem uns dos outros, sendo todos reduzidos a trabalho humano igual, a trabalho humano abstrato (MARX, 2013, p. 116)¹⁰.>

Dessa forma, Marx prossegue, desconsiderando a utilidade das mercadorias:

There is nothing left of them ... but the same phantom-like objectivity; they are merely congealed quantities of homogeneous human labour, i.e., of human labour-power expended without regard to the form of its expenditure. All these things now tell us {*stellen nur noch dar*: are exhibited only as} that human labour-power has been expended to produce them, human labour is accumulated {*aufgehäuft*: amassed} in them. As crystals of this social substance, which is common to them all, they are values – commodity values [*Warenwerte*] (Marx EBF, p. 128; MEW, p. 52).

<Deles não restou mais do que uma mesma objetividade fantasmagórica, uma simples geleia [*Gallerte*] de trabalho humano indiferenciado, i.e., de dispêndio de força de trabalho humana, sem consideração pela forma de seu dispêndio. Essas coisas representam apenas o fato de que em sua

¹⁰[N.T.] Por se tratar de uma extensa, e profunda, comparação entre os textos em inglês e alemão, optamos por manter todas as citações em inglês feitas originalmente por Reuten. Incluiremos, sempre, abaixo da citação em inglês, aquela correspondente em português. Não o fizemos apenas nas citações em notas de rodapé, já que ao incorporar as diversas passagens em português o artigo ficou demasiadamente longo.

produção foi despendida força de trabalho humano, foi acumulado trabalho humano. Como cristais dessa substância social que lhes é comum, elas são valores – valores de mercadorias (MARX, 2013, p. 116).>

Após isso, ele indica: <A continuação da investigação nos levará de volta ao valor de troca como o modo necessário de expressão ou forma de manifestação do valor (MARX, 2013, p. 116).> (Na seção 3 e nos Capítulos 2-3). Um pouco mais adiante, temos a única vez em que Marx usa o termo medida de valor nas cinquenta páginas do capítulo 1:

How is the magnitude of this value to be measured? By means of the quantity of the 'value-forming {*bildenden*: constituting} substance', the labour contained in the article. This quantity is measured by its duration, and the labour-time is itself measured on the particular scale of hours, days, etc. (Marx EBF, p. 129; MEW, p. 53).

<Mas como medir a grandeza de seu valor? Por meio da quantidade de 'substância formadora de valor', isto é, da quantidade de trabalho nele contida. A própria quantidade de trabalho é medida por seu tempo de duração, e o tempo de trabalho possui, por sua vez, seu padrão de medida em frações determinadas de tempo, como hora, dia, etc. (MARX, 2013, p. 116).>

(b) *Tempo de trabalho socialmente necessário e intensidade do trabalho*

Em seguida, os termos 'média', 'tempo de trabalho socialmente necessário' e 'intensidade do trabalho' são introduzidos pela primeira vez.

The total labour-power of society, which is manifested {*sich darstellt*: is exhibited} in the values of the world of commodities, counts here as one homogeneous mass of human labour-power, although composed of innumerable individual units of labour-power¹¹. Each of these units is the same as any other, to the extent that it has

¹¹O termo 'unidade' nesta e na seguinte frase enfatiza algo que não está presente no texto em alemão. Marx, literalmente, usa "poderes individuais do trabalho" (MEW, p. 53).

the character of a socially average unit of labour-power and acts as such; i.e. only needs, in order to produce a commodity, the labour time which is necessary on an average, or in other words is socially necessary. Socially necessary labour-time is the labour-time required to produce any use-value under the conditions of production normal for a given society and with the average degree of skill and intensity of labour prevalent in that society. [...] What exclusively determines the magnitude of the value of any article is therefore the amount of labour socially necessary, or the labour-time socially necessary for its production (Marx EBF, p. 129; MEW, p. 53–54).

<A força de trabalho conjunta da sociedade, que se apresenta nos valores do mundo das mercadorias, vale aqui como uma única força de trabalho humana, embora consista em inumeráveis forças de trabalho individuais. Cada uma dessas forças de trabalho individuais é a a mesma força de trabalho humana que a outra, na medida em que possui o caráter de uma força de trabalho social média e atua como tal força de trabalho social média; portanto, na medida em que, para a produção de uma mercadoria, ela só precisa do tempo de trabalho em média necessário ou tempo de trabalho socialmente necessário. Tempo de trabalho socialmente necessário é aquele requerido para produzir um valor de uso qualquer sob as condições normais para uma dada sociedade e com o grau social médio de destreza e intensidade do trabalho. [...] Portanto, é apenas a quantidade de trabalho socialmente necessário ou o tempo de trabalho socialmente necessário para a produção de um valor de uso que determina a grandeza de seu valor (MARX, 2013, p. 117).>

(c) A força produtiva do trabalho

Um conceito geral final em relação à conceituação marxiana sobre o valor das mercadorias é o de ‘força produtiva do trabalho’ (em alemão: *Produktivkraft der Arbeit*), que deve ser distinguido de ‘força de trabalho’. Note que o termo *Produktivkräfte* remonta a *A Ideologia Alemã* de 1845–46 (em MECW 5, é traduzido como ‘forças produtivas’). Infelizmente, o tradutor d’*O Capital* omite esse conceito dos leitores em inglês, traduzindo a frase como ‘produtividade do trabalho’ – um conceito que Marx também utiliza, mas que definitivamente não

é o mesmo¹². O conceito de ‘força produtiva do trabalho’ também desempenhará um papel importante na Seção IV abaixo (dinâmica) e é essencial distingui-lo da ‘intensidade do trabalho’ introduzida acima. Daqui em diante, corrigirei o erro do tradutor ao alterar sua ‘produtividade do trabalho’, colocando *força produtiva do trabalho* entre asteriscos. Marx escreve:

The value of a commodity would therefore remain constant, if the labour-time required for its production also remained constant. But the latter changes with every variation in the *productive power of labour*. This is determined by a wide range of circumstances; it is determined amongst other things by the workers' average degree of skill, the level of development of science and its technological application, the social organization of the process of production, the extent and effectiveness of the means of production, and the conditions found in the natural environment. [...] The value of a commodity, therefore, varies directly as the quantity, and inversely as the *productive power* of the labour which finds its realization {*verwirklichenden*: actualization} within the commodity (Marx EBF, p. 130–131; MEW, p. 54–55).

<Assim, a grandeza de valor de uma mercadoria permanece constante se permanece igualmente constante o tempo de trabalho requerido para sua produção. Mas este muda com cada mudança na força produtiva do trabalho¹³. Essa força produtiva do trabalho é determinada por múltiplas circunstâncias, dentre outras pelo grau médio de destreza dos trabalhadores, o grau de desenvolvimento da ciência e de sua aplicabilidade tecnológica, a organização social do processo de produção, o volume e a eficácia dos meios de produção e as condições naturais. [...] Assim, a grandeza de valor de uma mercadoria varia na razão direta da quantidade de trabalho que nela é realizado e na razão inversa da força produtiva desse trabalho (MARX, 2013, p. 118).>

¹²Na primeira tradução, de Moore e Aveling (originalmente 1887), o mesmo erro foi cometido: na tradução deles temos ‘*productiveness*’ (ver MECW, p. 35–50).

¹³[N.T.] Como o leitor pôde perceber, o erro que há na edição em inglês, comentada e criticada por Reuten, não existe na tradução brasileira da Boitempo. Em Marx (2013) o conceito de força produtiva do trabalho está presente.

Até agora, temos a seção 1¹⁴ do capítulo 1. Antecipando a minha Seção IV abaixo (dinâmica), eu registro que Marx primeiro introduziu a intensidade média do trabalho e, em seguida, como distinta dela, a força produtiva do trabalho.

(d) *O complexo 'trabalho potenciado' e a redução ao trabalho simples*

Na seção 2, <Marx> aborda mais extensamente sobre a dualidade do trabalho como produtor de valores de uso e como produtor do valor incorporado nas mercadorias. Eu me concentro, <aqui>, em uma questão principal, qual seja: a conceituação marxiana do 'trabalho médio simples'. Ele escreve, conforme o tradutor:

But the value of a commodity represents {*stellt* da: exhibits} human labour pure and simple {*schlechthin*: plainly}, the expenditure of human labour in general {*überhaupt*}. [...] It is the expenditure of simple labour-power, i.e. of the labour-power possessed in his bodily organism by every ordinary man, on the average, without being developed in any special way. Simple average labour, it is true, varies in character in different countries and at different cultural epochs, but in a particular society it is given. More complex labour counts only as intensified, or rather multiplied simple labour, so that a smaller quantity of complex labour is considered equal to a larger quantity of simple labour (EBF, p. 135; cf. MEW, p. 59).

<Mas o valor da mercadoria representa unicamente trabalho humano, dispêndio de trabalho humano. [...] Ele é dispêndio da força de trabalho simples que, em média, toda pessoa comum, sem qualquer desenvolvimento especial, possui em seu organismo corpóreo. O próprio trabalho simples médio varia, decerto, seu caráter em diferentes países e épocas culturais, porém é sempre dado numa sociedade existente. O trabalho mais complexo vale apenas como trabalho simples potenciado ou, antes, multiplicado, de modo que uma quantidade menor de trabalho complexo é igual a uma quantidade maior de trabalho simples (MARX, 2013, p. 122).>

¹⁴[N.T.] O que Reuten chama seção é o que denominamos subseção.

Como tradução do alemão, o último texto pontilhado está completamente errado. O alemão diz: “*Kompliziertere Arbeit gilt nur als potenzierte oder vielmehr multiplizierte einfache Arbeit ...*” (MEW, p. 59). Isto é: “O trabalho mais complexo vale apenas como trabalho simples potenciado ou, antes, multiplicado”^{15 16}. Na Subseção IV.I, <deste artigo>, veremos a relevância dessa tradução revisada. Aqui, registro a ordem da exposição de Marx: ele primeiro introduz a intensidade média do trabalho (EBF, p. 129; MEW, p. 53–54), e após a introdução do conceito de ‘força produtiva do trabalho’ (EBF, p. 130; MEW, p. 54), ele agora apresenta o conceito de ‘trabalho potenciado’. Imediatamente após isso, Marx escreve:

Experience shows that this reduction [of empowered into simple labour] is constantly {*Beständig*: continually} being made¹⁷. A commodity may be the outcome of the most complicated labour, but through its value it is posited as equal to the product of simple labour, hence it represents exhibits only a specific quantity of simple labour ... The various proportions in which different kinds of labour are reduced to simple labour as their unit of measurement are established by a social process that goes on behind the backs of the producers; these proportions therefore appear to the producers to have been handed down by tradition. In the interests of simplification, we shall henceforth view every form of labour-power directly as simple labour-power; by this we shall simply be saving ourselves the trouble of making the reduction (Marx EBF, p. 135; cf. MEW, p. 59).

<Que essa redução ocorre constantemente é algo mostrado pela experiência. Mesmo que uma mercadoria seja o produto do trabalho mais complexo, seu valor a equipara ao produto do trabalho mais simples e, desse modo, representa ele próprio uma quantidade determinada de trabalho simples. As diferentes proporções em que os diferentes tipos de trabalho são reduzidos ao trabalho simples como sua unidade de medida são

¹⁵[N.T.] Percebe o leitor que, mais uma vez, o erro existente em inglês não existe em português.

¹⁶Mais uma vez, na tradução de Moore e Aveling, temos mais ou menos o mesmo erro: “O trabalho qualificado conta apenas como trabalho simples intensificado, ou melhor, como trabalho simples multiplicado...” (MECW, p. 53–54)

¹⁷Parece-me que ‘constant’ tem muito a conotação de um fator constante (*Konstant* em alemão), embora escritores em inglês muitas vezes não sejam precisos nesse aspecto.

determinadas por meio de um processo social que ocorre pelas costas dos produtores e lhes parecem, assim, ter sido legadas pela tradição. Para fins de simplificação, de agora em diante consideraremos todo tipo de força de trabalho diretamente como força de trabalho simples, com o que apenas nos poupamos o esforço de redução (MARX, 2013, p. 122).>

Eu não tenho nada contra o conceito de ‘trabalho potenciado’ de Marx: é um conceito excelente e extremamente importante (como veremos na minha Seção IV). No entanto, o conceito de ‘redução’ requer um breve comentário. Marx não explica como essa redução da força de trabalho é operacionalizada. Meu problema não é que ele ignore isso nesse ponto (capítulo 1). O problema é que, nos três volumes d’*O Capital*, ele nunca retorna a essa questão. O grau em que isso é importante depende do desejo de alguém em aplicá-lo empiricamente e operacionalizá-lo em algum momento. Acredito que essa simplificação impede a soma dos tempos de trabalho antes de resolver o problema da redução. De fato, penso que essa abstração simplificadora (aqui: suposição) torna um procedimento quantitativo no nível empírico de soma das horas concretas de trabalho antes do mercado muito duvidoso.

(e) *O trabalho cria valor puramente social na forma de mercadorias (o trabalho em si não é valor)*

No capítulo 1, seções 3–4, fica claro como devemos ler as seções anteriores em retrospecto. Dentro das limitações do espaço para este artigo, destaco apenas duas conclusões de Marx na seção 3 (“A forma de valor ou o valor de troca”). Nessa seção, Marx explica como o valor das mercadorias aparece nas relações de troca. No início dessa seção, ele escreve:

Commodities [...] only appear as commodities, or have the form of commodities, in so far as they possess a double form, i.e. natural form and value form. [...] Not an atom of matter enters into the objectivity of commodities as values [...] their objective character as values is therefore purely social (Marx, EBF, p. 138–139; cf. MEW, p. 62).

<As mercadorias [...] só aparecem como mercadorias ou só possuem a forma de mercadoria

na medida em que possuem esta dupla forma: a forma natural e a forma de valor. [...] Na objetividade de seu valor não está contido um único átomo de matéria natural [...], pois sua objetividade de valor é puramente social (MARX, 2013, p. 124–125).>

Assim, para ter certeza, quando percebemos uma única mercadoria (pão ou um carro), não há como detectar seu valor a partir dessa percepção. Como tal, seu valor parece super-sensível. O caráter de valor das mercadorias emerge {*hervortreten*} somente em sua relação com outras mercadorias (EBF, p. 141–142; MEW, p. 65) e, em particular, em sua manifestação (*Gestalt*) da forma de valor comum das mercadorias, ou seja, a forma dinheiro (EBF, p. 139; MEW, p. 62; MEW, p. 75 e EBF, p. 162; MEW, p. 84). No início dessa seção, Marx já concluiu:

Human labour-power in its fluid state, or human labour, creates value, but is not itself value. It becomes value in its coagulated state, in objective form (EBF, p. 142; cf. MEW, p. 65).

<A força humana de trabalho em estado fluido, ou trabalho humano, cria valor, mas não é, ela própria, valor. Ela se torna valor em estado cristalizado, em forma objetiva (MARX, 2013, p. 128).>

Assim, o valor das mercadorias é explicado pelo tempo de trabalho.

III.II O dinheiro como medida de valor na prática: capítulos 2–3

A subseção atual não é relevante para o restante deste artigo. No entanto, em relação à conceituação do valor por Marx, não posso deixar de chamar a atenção do leitor para os capítulos 2–3 d' *O Capital*, Parte Um. Cada uma das Partes d' *O Capital* constitui uma unidade.

Marx começou o capítulo 1, seção 1, com o valor de troca das mercadorias. Ele introduz sistematicamente esse conceito na seção 3, na qual também estabelece a forma do dinheiro – expandindo sobre suas amplas implicações sociais na seção 4.

O relativamente breve capítulo 2 sobre o processo de troca apresenta atores sociais da troca e a ação da sociedade para transfor-

mar uma mercadoria específica no equivalente geral ‘dinheiro’ (EBF, p. 180) dentro de uma sociedade de produção de mercadorias generalizada (EBF, p. 187). Em suma, ele postula a prevalência (*Dasein*) do dinheiro na prática.

O próprio dinheiro (ou seja, sua existência sistêmica) é derivado no capítulo 3. Notavelmente, ele é sistematicamente derivado da troca, assim como a mercadoria e o valor foram derivados da troca. É somente mais tarde (ou seja, em todo o restante d'*O Capital*) que o papel da forma-dinheiro de valor, ou seja, o papel do dinheiro na produção e no circuito completo d'*O Capital* se tornará explícito. Mas, para compreender esse papel, o capítulo 3 é absolutamente crucial. Aqui, restrinjo-me a uma breve citação de sua seção 1 (“Medida dos valores”):

Money as a measure of value is the necessary form of appearance of the measure of value which is immanent in commodities, namely labour-time (EBF, p. 188; MEW, p. 109).

<O dinheiro, como medida de valor, é a mesma forma necessária de manifestação da medida imanente de valor das mercadorias: o tempo de trabalho (MARX, 2013, p. 169).>

Marx inicia sua exposição nesse capítulo com a frase: “Neste escrito, para fins de simplificação, pressuponho sempre o ouro como a mercadoria-dinheiro” (MARX, 2013, p. 169). Embora isso não fosse estranho em 1867, tem sido controverso entre os estudiosos marxistas. Faço referência a três posições contrárias, cada uma plausível em si mesma, que, em última análise, são complementares em minha visão. Essas são as posições de Campbell (1997), Williams (2000) e Bellofiore (2005).

III.III Algumas observações finais sobre as dimensões sociais adotadas por Marx

O resultado da Parte Um é que, em todo *O Capital*, as representações <entities> do valor são expressas em uma dimensão monetária (usando algum padrão de moeda, como, por exemplo, a £); o mesmo se aplica a todos os exemplos numéricos¹⁸. Ao longo de sua obra, Marx adota duas dimensões sociais principais, o tempo de trabalho e

¹⁸Elson (1979) apontou isso.

o valor monetário. ‘O trabalho cria valor, mas não é em si mesmo valor’ <Marx, 2013, p. 129, parafraseado>. É importante (re)enfatizar este último ponto, pois, em algumas interpretações d’*O Capital* de Marx, é considerado que o ‘valor’ possui uma dimensão de tempo de trabalho. Essas mesmas abordagens frequentemente adotam o termo ‘valores do trabalho’ – um termo nunca usado n’*O Capital*¹⁹. No nível da produção do capital (*O Capital*, Volume I), Marx busca explicar o valor e o mais-valor (na dimensão monetária) em termos de tempo de trabalho (nas Partes Três a Cinco, totalizando 350 páginas <344 na edição em português p. 255–599>) – uma explicação em termos de tempo de trabalho, é claro, não significa que o valor realmente, em algum momento, descarte sua dimensão monetária²⁰.

IV A conceitualização dinâmica do valor: desvio das médias (*O Capital* I, Parte Quatro)

IV.I A dinâmica apresentada em *O Capital* I, Parte Quatro

A principal conceitualização dinâmica de valor de Marx está em *O Capital* I, Parte Quatro (“A produção do mais-valor relativo”). Partindo das médias, ele analisa em seguida as mudanças no valor das mercadorias devido às variações na produtividade do trabalho. Existem dois fatores que afetam essas mudanças. Cada um deles já foi brevemente tratado no capítulo 1 do livro (Subseção III.I acima, nas partes (b) a (d)).

(a) A intensidade do trabalho

Considerando o grau de ‘potenciação do trabalho’ como dado (ver sob o subtítulo (b)), a produtividade do trabalho será alterada com a ‘intensidade do trabalho’, ou seja, o esforço e a tensão do trabalho, conforme iniciado por algum capitalista em algum setor. Junto com isso, Marx introduz o conceito de ‘grau de condensação’ do trabalho, implicando que o tempo de relógio é uma medida insuficiente²¹. Ele trata dessa questão na Parte Quatro, capítulo 13. Ele escreve:

¹⁹Por exemplo, Schefold (que geralmente está bem familiarizado com o campo) presume isso. Assim, em sua introdução a *O Capital* III, Schefold (2004, p. 874) escreve erroneamente “Arbeitswerten (wie Marx sie nannte)” <“Valores de trabalho (como Marx os chamava)”>. Possivelmente Marx tenha usado essa expressão em algum escrito anterior a *O Capital* – Schefold não cita nenhuma fonte –, mas isso me surpreenderia muito.

²⁰Reuten (2004, §1.1) traça as dimensões e medidas adotadas por Marx nas Partes Três a Cinco de *O Capital* I.

²¹Ao longo do manuscrito de 1861–63, ele usa o termo “condensação” em vez de “densidade” (MECW 33, p. 382–387).

It [intensification of labour] imposes on the worker an increased expenditure of labour within a time which remains constant, a heightened tension of labour-power, and a closer filling-up of the pores of the working day, i.e. a condensation of labour, to a degree which can only be attained within the limits of the shortened working day. This compression of a greater mass of labour into a given period now counts for what it really is, namely an increase of the quantity of labour. In addition to the measure of its 'extensive magnitude', labour-time now acquires a measure of its degree of density²² [...], the same mass of value is now produced for the capitalist by, say, $3\frac{1}{3}$ hours of surplus labour and $6\frac{2}{3}$ hours of necessary labour, as was previously produced by 4 hours of surplus labour and 8 hours of necessary labour (Marx, 1890 [1867] EBF, p. 534; cf. Marx, 1890 [1867] MEW, p. 432–433).

<impõe, no mesmo período de tempo, um dispêndio aumentado de trabalho, uma tensão maior da força de trabalho, um preenchimento mais denso dos poros do tempo de trabalho, isto é, impõe ao trabalhador uma condensação do trabalho num grau que só pode ser atingido com uma jornada de trabalho mais curta. Essa compressão de uma massa maior de trabalho num dado período de tempo mostra-se, agora, como ela é: uma quantidade maior de trabalho. Ao lado da medida do tempo de trabalho como 'grandeza extensiva' apresenta-se agora a medida de seu grau de condensação. [...] Desconsiderando a elevação do mais-valor relativo pela força produtiva aumentada do trabalho, podemos dizer, por exemplo, que $3\frac{1}{3}$ horas de mais-trabalho sobre $6\frac{2}{3}$ horas de trabalho necessário fornecem agora ao capitalista a mesma massa de valor que antes lhe era fornecida por 4 horas de mais-trabalho sobre 8 horas de trabalho necessário (MARX, 2013, 482–483).>

Conforme Marx, no entanto, as diferenças na intensidade do trabalho tendem a ser niveladas por meio da concorrência entre os trabalhadores. Acrescento que isso pode parecer óbvio dentro de algum setor de produção, embora seja menos evidente entre setores de produção

²²Antes da frase "grau de densidade", o tradutor adiciona: "intensidade, ou".

diferentes. Dadas as habilidades atuais da mão de obra, o nivelamento entre setores parece ser uma questão de médio ou longo prazo. Enquanto isso não for efetuado, teremos taxas divergentes de mais-valor entre os setores.

(b) *A potenciação do trabalho*

O segundo fator que afeta as mudanças na produtividade do trabalho é a 'potenciação do trabalho'. Esse conceito é tratado no capítulo 10, onde Marx introduz sistematicamente a 'força produtiva do trabalho' (em alemão: *Produktivkraft der Arbeit*). Novamente, o tradutor em inglês utiliza o termo '*productivity*' para render *Produktivkraft* <novamente, no português, os erros não aparecem>. Nas citações a seguir, corrijo esse erro com asteriscos (*). Marx escreve:

increase in the *productive power of labour* [...] cannot be done except by an alteration in his [the labourer's] tools or in his mode of working, or both. [...] By an increase in the *productive power of labour*, we mean an alteration in the labour process of such a kind as to shorten the labour-time socially necessary for the production of a commodity, whence a smaller quantity of labour acquires the power of producing a greater quantity of use-value (EBF, p. 431-amended; MEW, p. 333).

<a força produtiva de seu trabalho [...] não pode ser [modificada] sem que se alterem seus meios de trabalho, ou seu método de trabalho, ou ambos. [...] Por elevação da força produtiva do trabalho entendemos precisamente uma alteração no processo de trabalho por meio da qual o tempo de trabalho socialmente necessário para a produção de uma mercadoria é reduzido, de modo que uma quantidade menor de trabalho é dotada da força para produzir uma quantidade maior de valor de uso (MARX, 2013, p. 389).>

Além disso:

The technical and social conditions of the labour process and consequently the mode of production itself must be revolutionized before the *productive power of labour* can be increased (EBF, p. 432-amended; MEW, p. 334).

<Para [...] elevação da força produtiva do trabalho [...] ele [o capital] tem de revolucionar as condições técnicas e sociais do processo de trabalho, portanto, revolucionar o próprio modo de produção (MARX, 2013, p. 390).>

Em relação à ‘potenciação do trabalho’, a seguinte frase é fundamental:

The labour operating at this exceptional productive power acts as empowered labour; it creates in equal periods of time greater values than average social labour of the same kind (minha tradução de MEW, p. 337; cf. EBF, p. 435)²³.

<O trabalho excepcionalmente produtivo atua como trabalho potenciado ou cria, no mesmo tempo, valores maiores do que o trabalho social médio do mesmo tipo (MARX, 2013, p. 393).>

Fowkes – e, conseqüentemente, todos os leitores de língua inglesa – perde completamente o ponto pois traduz o termo alemão “*potenzierte Arbeit*” como “*intensified labour*”, misturando-o com a distinção que introduzi acima em (a)²⁴.

Essa potenciação do trabalho, que cria valor além da média, não pode ser simplesmente medida em tempo de relógio (a insuficiência do tempo de relógio é a única semelhança entre a intensidade e a potenciação do trabalho). Marx prossegue:

Hence, the capitalist who applies the improved method of production, appropriates as surplus-labour a greater portion of the working-day than the other capitalists in the same business. [...] On the other hand, however, this extra surplus-value vanishes, as soon as the new method of production is generalized ... (EBF, p. 436; cf. MEW, p. 337).

<O capitalista que emprega o modo de produção aperfeiçoado é, portanto, capaz de apropriar-se

²³O texto em alemão diz: “*Die Arbeit von ausnahmsweiser Produktivkraft wirkt als potenzierte Arbeit oder schafft in gleichen Zeiträumen höhere Werte als die gesellschaftliche Durchschnittsarbeit derselben Art*” (MEW, p. 337). Esse texto é idêntico na primeira edição de *O Capital* (MEGA II/5) (Em Reuten (2017), eu traduzi ‘*potenzierte*’ como ‘*potentiated*’ em vez de ‘*empowered*’).

²⁴O mesmo se aplica à tradução de Moore e Aveling: “O trabalho excepcionalmente produtivo opera como trabalho intensificado...” (MECW 35, p. 323).

de uma parte maior da jornada de trabalho para o mais-trabalho do que os demais capitalistas no mesmo ramo de produção. Por outro lado, esse mais-valor adicional desaparece assim que o novo modo de produção se universaliza (MARX, 2013, p. 393).>

Isso está correto. No entanto, observe que Marx se sente (com razão) limitado a demonstrar uma mudança na força-produtiva-social média como uma mudança *dentro de um setor* de produção. Ele (com razão) *não postula um mecanismo para generalizações das forças produtivas* entre setores (antecipando a Seção V, <deste artigo>, já se pode observar que, caso tal mecanismo existisse, isso poderia implicar em uma equalização das composições de capital?!).

Na ausência desse mecanismo e considerando a potenciação que gera valor, a exposição de Marx aqui *implica divergências nas taxas de mais-valor entre os setores*. Essas divergências surgem de mudanças técnicas divergentes, um fator independente da intensidade do trabalho, mesmo que os dois possam ser combinados – como Marx indica²⁵.

IV.II O novo tema sobre a potenciação do trabalho relacionado à técnica: comparação com os manuscritos de 1861–63 e 1864

Todas as evidências disponíveis indicam que Marx desenvolveu suas ideias sobre a ‘potenciação do trabalho’ relacionada à técnica apenas em 1866–67, quando trabalhou no rascunho final da primeira edição d’*O Capital*. Em relação ao texto de 1861–63, isso pode ser verificado, pois temos acesso a esses textos em MECW 30 e 34 (com base em MEGA II/3). Como o penúltimo rascunho de 1863–64 para *O Capital* foi incorporado ao rascunho final, exceto pelos Resultados de 1864 (Tabela 1), este último pode fornecer uma indicação adicional. Nesse texto, Marx apresenta um tratamento bastante extenso sobre a mudança técnica. No entanto, assim como nos manuscritos anteriores, ele trata apenas da intensidade do trabalho.

IV.III O Capital I, Parte Quatro: retorno às médias

No capítulo 15 da Parte Cinco – sintetizando as Partes Três e Quatro – o foco principal está novamente nas médias sociais (isso também

²⁵Para mais detalhes sobre os assuntos desta subseção, consulte Reuten (2017, §3.2–§3.4).

se aplica ao próximo e último capítulo desta Parte). De acordo com o método de Marx n' *O Capital* I, isso não é um problema. Para os propósitos deste artigo, eu apenas registro que Marx continua a distinguir claramente a intensidade e a força produtiva do trabalho. Assim, ele escreve que, a uma dada taxa média de salário real por 'dia normal de trabalho', a taxa de mais-valor depende de:

(1) the length of the working day, or the extensive magnitude of labour, (2) the normal intensity of labour, or its intensive magnitude, whereby a given quantity of labour is expended in a given time and (3) the *productive power* of labour, whereby the same quantity of labour yields, in a given time, a greater or a smaller quantity of the product, depending on the degree of development attained by the conditions of production (EDF, p. 655; cf. MEW, p. 542).

<1) a duração da jornada de trabalho ou a grandeza extensiva do trabalho; 2) a intensidade normal do trabalho ou sua grandeza intensiva, de modo que determinada quantidade de trabalho é gasta num tempo determinado; 3) e, finalmente, a força produtiva do trabalho, de forma que, dependendo do grau de desenvolvimento das condições de produção, a mesma quantidade de trabalho fornece uma quantidade maior ou menor de produto no mesmo tempo (MARX, 2013, p. 587).>

Marx enfatiza fortemente que os três determinantes mencionados nesse trecho não são apenas variáveis, mas também podem ocorrer separadamente ou em várias combinações. Em seguida, após esse trecho, ele analisa cada um deles separadamente, em quatro seções distintas. Marx geralmente assume aqui que os determinantes foram generalizados em toda a economia, enquanto os capítulos anteriores (discutidos brevemente na Subseção IV.I) também trataram de (a iniciação de) mudanças.

V Manifestação do valor nos preços de produção (o manuscrito d'*O Capital* III para sua Parte Dois)

O Capital III apresenta “As manifestações (*Gestaltungen*) da produção capitalista”²⁶. Engels transformou esse título de Marx em seu manuscrito para: “O processo de produção como um todo” <na edição brasileira temos “O processo global da produção capitalista”>. Nesta Seção, apresento brevemente a terceira etapa principal da conceituação de Marx sobre o valor: a ‘transformação’ do valor das mercadorias em ‘preços de produção’ (Parte Dois do livro)²⁷.

V.I Manuscrito de Marx de 1864–65 para *O Capital* III: preços de produção

No início da Parte (originalmente capítulo) Dois, Marx delimita imediatamente o escopo de sua teorização sobre a taxa de mais-valor. Ele escreve:

In this chapter {i.e. Part} we ... assume that the degree of exploitation of labour, i.e. the rate of surplus-value, and the length of the working day, is the same in all the spheres of production ... (Marx 1894, EDF, p. 241).

<No presente capítulo, pressupõe-se que o grau de exploração do trabalho e, por conseguinte, a taxa de mais-valor e a extensão da jornada de trabalho sejam de igual grandeza, apresentem o mesmo nível em todas as esferas da produção em que se divide o trabalho social em dado país (MARX, 2017, p. 177).>

Abaixo, utilizo a seguinte notação: s = mais-valor; v = soma dos salários; s' = taxa de mais-valor ($s' = s/v$); c = capital constante (meios de produção consumidos); c/v = a ‘composição do capital’ (abreviada como CC); r' = taxa de lucro ($r' = s/(c+v)$). Os subscritos i e j se referem a qualquer setor. Mais adiante, uso ρ para os lucros pós-transformação.

No capítulo 8, Marx estabelece as seguintes proposições, indicando um estado hipotético anterior à transformação:

²⁶Cf. Marx ({1864–65 ms} 2016 EBF, p. 47). Fowkes traduz ‘*Gestaltungen*’ para ‘forms’.

²⁷Para maiores detalhes, comentários e referências às páginas do manuscrito, ver Reuten (2018, §2).

- [A] As mercadorias são vendidas ‘por seus valores’.
- [B] As taxas de mais-valor são igualadas. $s'_i = s'_j$
- [C] As composições do capital divergem. $(c/v)_i \neq (c/v)_j$
- [D] Portanto, a partir de [A–C], capitais iguais produzem mais-valor ou lucro desigual. $[s/(c+v)]_i \neq [s/(c+v)]_j$
Assim, obtemos taxas de lucro divergentes. $r'_i \neq r'_j$
(Consulte a Tabela 2, caixa esquerda: ‘Capital I com aparência retrospectiva’)
- [E] No entanto, na verdade, (tendemos) a igualar as taxas de lucro $r'_i = r'_j$

Portanto, esse conjunto de pressupostos [A–E] é incompatível. Pelo menos um deles deve estar errado.

No capítulo 9, Marx introduz o novo conceito de ‘preço de produção’, que se baseia na preposição [E]. O preço de produção é uma ‘transformação do valor’. Aqui ele apresenta três esquemas numéricos. O primeiro e o segundo esquema aplicam as premissas [A]–[D]. O terceiro esquema aplica [B]–[C] e [E] e introduz os preços de produção. Para ser breve, a Tabela 2 comprime esses três esquemas em um único e reduzido esquema. Assim, Marx abandona as vendas a valores

Tabela 2: Esquema de transformação reduzido: expressões em dinheiro.

	Capital I com aparência retrospectiva					Capital III após a transformação				
	c	v	s	$\frac{c+v}{c+v+s}$	$r' = \frac{s}{c+v}$	c	v	distribuição ρ	$c+v+\rho$	$\frac{\pi}{\rho/(c+v)}$
Baixo CC	70	30	30	130	30%	70	30	30 – 10	130 – 10	20%
Médio CC	80	20	20	120	20%	80	20	20	120	20%
Alto CC	90	10	10	110	10%	90	10	10 + 10	110 + 10	20%
Total	240	60	60	360 ζ	20%	240	60	60	360 ξ	20%

Fonte: Elaboração própria. **Notas:** ζ valores | ξ preços de produção.

(pressuposição A), introduzindo em seu lugar os preços de produção e, assim, eliminando as taxas de lucro divergentes (pressuposição D). Ele faz isso com pouquíssimos argumentos. Note que ele mantém a produção de mais-valor, que agora é redistribuída como lucros ρ .

No entanto, a pressuposição [A] não é totalmente abandonada. Marx postula duas igualdades agregadas: a de mais-valor e lucros agregados e a de valores e preços de produção agregados (ver a última linha da Tabela 2). Para a exposição de Marx no capítulo 10 sobre como essa transformação ocorre como um processo, refiro-me a Reuten (2018, §2.4). Aqui, concentro-me em um aspecto principal dele. Marx escreve sobre a constelação anterior à transformação e o mais-valor produzido após ela:

[E]quality in the *grade of exploitation of labour or the rate of surplus-value* [...] presupposes competition among the workers and an equalization that takes place by their continuous migration from one sphere of production to another (Marx {1864–65 ms} 1993 MEGA, p. 250, minha tradução; cf. Marx {1864–65 ms} 2016, EBF, p. 286 and Marx 1894, EDF, p. 275).

<O fato de que capitais que movimentam quantidades desiguais de trabalho vivo produzam quantidades desiguais de mais-valor pressupõe, ao menos até certo ponto, que o grau de exploração do trabalho ou a taxa de mais-valor sejam os mesmos, ou que as diferenças neles contidas se considerem equalizadas por causas reais ou imaginárias (convencionais) de compensação. Isso pressupõe a concorrência entre os trabalhadores e a equalização mediante sua constante migração de uma esfera da produção à outra (MARX, 2017, p. 209). [aqui optamos pela citação completa, dadas as especificidades da tradução em português]>

Portanto, em relação à taxa de mais-valor, ele tem apenas a intensidade do trabalho em mente, porque apenas isso seria relevante para a migração.

VI Incompatibilidades: interpretação *versus* reconstrução

VI.I Incompatibilidades

Muitos comentadores de Marx têm apontado com razão os defeitos dessa transformação (Marx estava ciente de vários deles), bem como suas incompatibilidades com seu texto n' *O Capital* I. Este não é o local para revisar esses defeitos, e não há uma revisão independente das posições à qual eu poderia me referir. Um leitor iniciante de Marx talvez comece com o agora 'clássico' de Sweezy ([1942] (1968, p. 109–130).

VI.II Uma reconstrução

Vimos que n' *O Capital* I, após a exposição dinâmica da Parte Quatro, Marx, na Parte Cinco, retorna à explicação do 'tempo médio de trabalho socialmente necessário'. Não há nada de errado com isso.

No entanto, ao considerar diferentes esferas de produção, como em (rascunho do) *O Capital* III, essas médias são inadequadas, pois as variações (presumivelmente estruturais) entre setores em relação à média são cruciais. As diferentes composições de capital entre os setores são uma parte do problema relevante. A outra parte diz respeito às diferentes potenciações do trabalho relacionadas à técnica, o que resulta em taxas de mais-valor diferentes entre os setores (Subseção IV.I). No entanto, no rascunho d' *O Capital* III, Parte Dois, Marx negligencia isso, o que é ainda mais notável porque na Parte Três ele associa diretamente a composição de capital à força produtiva do trabalho²⁸ (eu digo que ele 'negligencia' isso; talvez ele ainda não estivesse ciente disso – veja a subseção seguinte).

Em Reuten (2017, §4), demonstrei que não é difícil reconstruir a explicação de Marx sobre o valor n' *O Capital* III, Parte Dois. <Para tal procedimento, > em suma: apague a 'redistribuição' do mais-valor e elimine os 'preços de produção'. <Isso porque>, temos diferentes forças produtivas de trabalho entre os setores que, em equilíbrio – devido à competição intra-laboral em relação à intensidade do trabalho (esforço e tensão) – se reduzem a diferentes potenciações do trabalho. Estas últimas estão associadas a diferentes composições de capital determinadas pela técnica. Como resultado, as taxas de mais-valor diferem entre os setores. Em equilíbrio temos, assim, taxas de lucro iguais.

Portanto, o exemplo estilizado da Tabela 2 se torna simplesmente o da Tabela 3.

Portanto, a questão central é que os capitalistas buscam aumentar a acumulação de capital aumentando a taxa de mais-valor por meio da mudança técnica, ou seja, a mudança da potenciação do trabalho associada à força produtiva. Isso está de acordo com toda a exposição

²⁸No capítulo 9, Parte Dois, lemos: "The specific degree of development of the social *productive power of labour* differs from one particular sphere of production to another, being higher or lower according to the quantity of means of production set in motion by a certain specific amount of labour ... Hence its degree of development depends on how small a quantity of labour is required for a certain quantity of means of production. We therefore call capitals that contain a greater percentage of constant capital than the social average ... capitals of *higher composition*" (EDF, p. 263–264; cf. MEW, p. 173). No capítulo 13, Parte Três, Marx identifica a força produtiva do trabalho ainda mais diretamente com a composição do capital: "... it has been shown to be a law of the capitalist mode of production that its development does in fact involve a relative decline in the relation of variable capital to constant, and hence also to the total capital set in motion. [...] This progressive decline ... is identical with the progressively rising organic composition, on average, of the social capital as a whole. It is just another expression for the progressive development of the social *productive power of labour* ..." (EDF, p. 318; cf. MEW, p. 222). Em relação à força produtiva do trabalho (*Produktivkraft der Arbeit*), Fowkes, o tradutor do manuscrito '*O Capital* III', comete novamente o mesmo erro (Marx {1864–65 ms} 2016; EBF).

Tabela 3: 'O Capital III', Parte Dois, reconstruído em face de 'O Capital I': expressões em dinheiro.

	c	v	s	$c + v + s$	$r' = s / (c + v)$	s/v
Baixo CC	70	30	20	120	20%	67%
Médio CC	80	20	20	120	20%	100%
Alto CC	90	10	20	120	20%	200%
Total	240	60	60	360 ^ζ	20%	100% ^ξ

Fonte: Elaboração própria. Notas: ^ζ valores | ^ξ médias.

de Marx em *O Capital I*²⁹.

Ao longo de todo o processo, temos a dimensão do valor expressa em dinheiro. Além disso, essa reconstrução pode ser aplicada empiricamente de forma direta e com apenas duas ressalvas: Em primeiro lugar, temos que negligenciar a 'redução ao trabalho simples' de Marx (Subseção III.I acima, sob *(d)*). Como mencionado, Marx nunca retornou a esse assunto – e também não desempenha nenhum papel em sua transformação em preços de produção. Em segundo lugar, a distinção entre a intensidade e a potenciação do trabalho é importante, mas a intensidade do trabalho é muito difícil de medir de forma operacional, especialmente entre setores. Portanto, eu assumo (como Marx faz) que a longo prazo ela se equilibra entre os setores (não estou dizendo que a intensidade do trabalho deve ser negligenciada, pois é um campo importante para pesquisas empíricas).

VI.III Enigmas filosóficos

O último ponto diz respeito à pergunta de por que Marx, bem como economistas políticos marxistas que trabalham a partir de sua obra, nunca chegaram à simples reconstrução exposta acima.

Parece que – como indicado na Subseção IV.II – a potenciação do trabalho determinada pela técnica foi desenvolvida por Marx durante 1866–67. Podemos então hipotetizar que ele deixou para depois a elaboração de suas consequências para o rascunho d'*O Capital III* (podemos ficar felizes que ele deu prioridade aos esquemas de reprodução muito mais importantes presentes no segundo livro d'*O Capital*,

²⁹No interessante artigo de Smith (2002), ele aponta com razão que as 'trajetórias de inovação' divergem entre os setores (158) e reconstitui criativamente sua teorização em termos de 'lucros excedentes da inovação' estruturais no nível de *O Capital III* – sobre os preços de produção. Diante da potenciação divergente do trabalho associado aos poderes produtivos, isso pode ser teorizado em termos de superlucros associados a super taxas de mais-valor.

no qual encontramos suas bases de macroeconomia *avant la lettre*).

Contra essa hipótese pesa uma carta que ele escreveu para Engels em 30 de abril de 1868. Aqui, ele parte da pressuposição de taxas de mais-valor igualadas entre setores³⁰. Marx aparentemente continuou a ter em mente as ideias sobre a transformação encontradas nos manuscritos de 1861–63, bem como n' *O Capital* I, Parte Cinco, o relato do 'retorno as médias'. Aparentemente, a mente de Marx estava fixada em igualar as taxas de mais-valor.

Pelo menos naquela época. Há um pequeno manuscrito de seis páginas – publicado pela primeira vez em 2003 – que provavelmente data de 1878 (veja [Vollgraf e Roth com Jungnickel, 2003](#), p. 697). Considere as duas passagens a seguir³¹:

For [the] calculation of the rate of profit that the social capital yields it was assumed {*angenommen*}, 1) that the rate of surplus-value {is} uniform for the different heaps of capital {*Kapitalmassen*} in different branches of industry, 2) and neglecting turnover, i.e. the turnover of the social capital over the year posited = 1. In fact for the different heaps of capital different rates of surplus-value and different turnover times (Marx {1878 ms} 2003, p. 158, minha tradução) <por se tratar de um texto que desconhecemos, optamos por não traduzir essa passagem>.

O esclarecimento que segue (após sete linhas impressas sobre a calibração dos tempos de giro) é muito interessante. Note o uso que Marx faz do termo 'puro' (*rein*), que ele reserva para entidades com características de lei.

These are just differences {*Differenzen*} emerging from the pure economic conditions, namely *different* {*verschiedne*} *magnitudes of the capitals invested in business sectors, different rates*

³⁰Nesta carta, Marx expõe sua transformação do valor em preços de produção em cerca de 50 linhas impressas, incluindo as seguintes frases-chave: "... *assuming the rate of surplus value, i.e. the exploitation of labour, as equal, the production of value and therefore the production of surplus value and therefore the rate of profit are different in different branches of production. ... this means that the price determination of the commodities must deviate from their values. ... The price ... which divides up the social surplus value equally among the various masses of capital in proportion to their sizes, is the price of production of commodities, the centre around which the oscillation of the market prices moves*" (MECW 43, p. 23–24).

³¹É extremamente difícil traduzir esses textos. Os textos de Marx são pouco polidos e continuamente entrecortados por frases abreviadas. Inserções entre colchetes são dos editores do MEGA. Inserções entre chaves com termos originais em alemão são minhas.

of exploitation of labour-power, different turnover times. However [there are] other aspects of the equalization such as unattractiveness, danger and standing of the work (Marx {1878 ms} 2003, p. 158, minha tradução)³².

Quanto ao manuscrito d'*O Capital* III de 1864–65 ou à carta de 1868, esse texto não pode ser considerado definitivo. A grandeza de Marx reside no fato de que para ele nada era definitivo (veja a Subseção II.V). Isso é o que aprendi e é o que todos os intérpretes de Marx poderiam aprender com ele.

VII Considerações finais

Na abordagem metodológica de Marx, <temos> que se inicia no capítulo 1 d'*O Capital* I com uma conceituação estática e média do valor das mercadorias. <Então>, ao pressupor uma distinção entre o valor de uso e o valor das mercadorias, e abstrair o aspecto concreto do trabalho, que cria valor de uso, Marx encontra seu aspecto restante, de valor qualitativamente homogêneo determinado pelo trabalho social médio qualitativamente homogêneo – a quantidade de valor das mercadorias é determinada pelo tempo em que esse trabalho social médio é utilizado na sua produção. Marx chega a essa conclusão nas duas primeiras seções do capítulo, onde também especifica os determinantes que pressupõe como constantes nessa abordagem estática. Esses determinantes são a intensidade do trabalho e a potenciação do trabalho – esta última sendo determinado pela 'força produtiva do trabalho', que inclui tecnologia e técnicas. Nas duas últimas seções do capítulo, e continuando nos capítulos 2 e 3, ele deriva o valor de troca das mercadorias, o conceito de dinheiro e, finalmente, o dinheiro como medida de valor na prática (Seção III).

Na Parte Quatro d'*O Capital* I, Marx chega ao que eu chamei de 'dinâmica' de sua conceituação de valor. Aqui ele considera mudanças e variações entre os setores de produção, da intensidade do trabalho e da potenciação do trabalho determinada pelas 'forças produtivas', ou seja, a tecnologia e as técnicas. Cada uma delas implica, em primeiro lugar, que uma medida do tempo de trabalho em horas de relógio é uma medida insuficiente do valor imanente das mercadorias e, em segundo lugar, que as taxas de mais-valor divergem entre os setores de produ-

³²Alguns comentários adicionais estão em Reuten (2009, p. 227–228), de onde o texto acima foi tirado.

ção (inicialmente também dentro dos setores de produção). Um ponto específico, porém o mais importante, é que ele não pressupõe nenhum mecanismo para generalizações entre setores das forças produtivas – portanto, nem para a potenciação do trabalho. Na Parte Cinco, Marx retorna à abordagem das médias. Indiquei que todas as informações que temos estabelecem que Marx desenvolveu suas percepções relacionadas à ‘potenciação do trabalho’ relacionada à técnica apenas em 1866–67, quando trabalhou no rascunho final para a primeira edição d’*O Capital* I. Isso se aplica tanto à Parte Quatro quanto à Parte Um (Seção IV).

Na Seção V, eu resumi brevemente a transformação de valores em preços de produção de Marx, conforme escrito em 1864–65. Em face das seções anteriores, o ponto mais importante é que Marx mantém aqui as taxas de mais-valor equalizadas entre os setores de produção. De fato, é isso que o levou a construir a estrutura de preços de produção (dadas as composições de capital divergentes e as taxas de lucro equalizadas, bastante evidentes).

A Seção V concluiu que as visões d’*O Capital* I de Marx e do manuscrito d’*O Capital* III são incompatíveis (a menos que assumamos uma equalização das forças produtivas e composições de capital entre os setores – o que vai contra todas as evidências empíricas que temos até o momento). Com base na Parte Quatro d’*O Capital* I, no entanto, uma reconstrução muito simples é óbvia: apagar as taxas de mais-valor equalizadas de 1864–65 e apagar seus preços de produção.

Dado que Marx era um crítico contínuo de si mesmo (Seção II), é apropriado – como interpretação – dar um peso significativo à sua última versão d’*O Capital* I e ao seu último manuscrito breve sobre o assunto de 1878, no qual parece ampliar sua perspectiva para taxas de mais-valor divergentes entre os setores. No entanto, para aqueles que não querem aceitar esse manuscrito breve, proponho a reconstrução indicada sem ele. Dessa forma, todo *O Capital* faz sentido – dentro de suas limitações.

Referências gerais aos trabalhos de Marx e Engels

- MECW (Marx Engels Collective Works). <http://hiaw.org/defcon6/works/cw/index.html>
MEGA (Marx-Engels-Gesamtausgabe). http://mega.bbaw.de/struktur/abteilung_ii
MEW (Marx-Engels Werke). <https://marx-wirklich-studieren.net/marx-engels-werke-als-pdf-zum-download/>
MIA (Marx-Engels Archive). <https://www.marxists.org/archive/marx/index.htm>

Referências

- BELLOFIORE, R. The monetary aspects of the capitalist process in the marxian system: an investigation from the point of view of the theory of the monetary circuit. In: MOSELEY, F. (Ed.). *Marx's theory of money: modern appraisals*. London / New York: Palgrave-Macmillan, 2005. p. 124–139.
- CAMPBELL, M. Marx's theory of money: a defense. In: MOSELEY, F.; CAMPBELL, M. (Ed.). *New investigations of Marx's method*. Albany: Humanities Press, 1997. p. 89–120.
- ELSON, D. The value theory of labour. In: ELSON, D. (Ed.). *Value – the representation of labour in capitalism*. London: CSE Books, 1979. p. 115–180.
- HUBMANN, G.; ROTH, R. Die 'Kapital'-Abteilung der MEGA – Einleitung und Überblick. In: *Marx-Engels Jahrbuch 2012/13*. Berlin: Akademie Verlag, 2013. p. 60–69.
- MARX, K. MEGA. Resultate des unmittelbaren Produktionsprozesses. In: *Ökonomische Manuskripte 1863–1867. Teil 1. (Manuskripte 1864/65 zum 1. und 2. Buch des "Kapital". MEGA II/4.2)*. {1864 ms}[1933a]. p. 24–131. (First published in German and Russian in *Arkhiv Marksa i Engelsa*, vol. II (VII), Moscow).
- MARX, K. MECW. Results of the direct production process. In: FOWKES, B. (Ed.). *Translation of Marx, {1864 ms}[1933a] MEGA. MECW, v. 34, p. 355–466*. {1864 ms}[1933b].
- MARX, K. MEGA. *Ökonomische Manuskripte 1863–1867. Teil 2. (Manuskripte 1863/65 zum 3. Buch des "Kapital" In: MÜLLER, M. et al. (Ed.). MEGA II/4.2*. Berlin: Dietz Verlag, {1864–65 ms}[1993a].
- MARX, K. EBF. Marx's economic manuscript of 1864–1865. In: MOSELEY, F. (Ed.). *Translation of Marx, {1864–65 ms}[1993a] MEGA*. Leiden: Brill, {1864–65 ms}[1993b].
- MARX, K. MEGA. Über Profitrate, Kapitalumschlag, Zins und Rabat. In: VOLLGRAF, C.-E.; ROTH, R.; JUNGnickel, J. (Ed.). *MEGA II/14*. Berlin: Akademie Verlag, p. 155–162. {1878 ms}[2003]. (On the rate of profit, turnover of capital, interest and discount).
- MARX, K. MEW. Das Kapital, Kritik der Politischen Ökonomie; Erster Band, Der Produktionsprozeß des Kapitals. In: ENGELS, F. (Ed.). *MEW*. 4. ed. Berlin: Dietz Verlag, v. 23. 1890 [1867].
- MARX, K. EBF. Das Kapital, Kritik der Politischen Ökonomie; Zweiter Band, Der Zirkulationsprozess des Kapitals. In: ENGELS, F. (Ed.). *MEW*. Berlin: Dietz Verlag, v. 24. 1893 [1885].
- MARX, K. EBF. Das Kapital, Kritik der Politischen Ökonomie; Dritter Band, Der Gesamtprozeß der kapitalistischen Produktion. In: ENGELS, F. (Ed.). *MEW*. Berlin: Dietz Verlag, v. 25. 1894.
- MARX, K. EBF. Capital, A Critique of Political Economy, v. I. In: MOSELEY, F. (Ed.). *Translation of Marx, 1890 MEW*. Harmondsworth: Penguin Books, 1976.

- MARX, K. *Capital, A Critique of Political Economy*, v. II. In: FERNBACH, D. (Ed.). *Translation of Marx, 1893 [1885] MEW*. Harmondsworth: Penguin Books, 1978.
- MARX, K. *Capital, A Critique of Political Economy*, vol. III. In: FERNBACH, D. (Ed.). *Translation of Marx, 1894 MEW*. Harmondsworth: Penguin Books, 1981.
- MARX, K. *O Capital: Crítica da Economia Política, Livro I*. São Paulo: Boitempo, 2013.
- MARX, K. *O Capital: Crítica da Economia Política, Livro III*. São Paulo: Boitempo, 2017.
- REUTEN, G. The difficult labour of a theory of social value; metaphors and systematic dialectics at the beginning of Marx's *Capital*. In: MOSELEY, F. (Ed.). *Marx's Method in Capital: A Reexamination*. Albany: Humanities Press, 1993. p. 89–113.
- REUTEN, G. Productive force and the degree of intensity of labour – Marx's concepts and formalizations in the middle part of *Capital I*. In: BELLOFIORE, R.; TAYLOR, N. (Ed.). *The Constitution of Capital; Essays on Volume I of Marx's*. London / New York: Palgrave–Macmillan, 2004. p. 117–145.
- REUTEN, G. Marx's general rate of profit transformation: methodological, theoretical and philological obstacles – an appraisal based on the 1864–65 manuscript of *Das Kapital III*. In: BELLOFIORE, R.; FINESCHI, R. (Ed.). *Re-reading Marx – New Perspectives after the Critical Edition*. London / New York: Palgrave–Macmillan, 2009. p. 211–230.
- REUTEN, G. The productive powers of labour and the redundant transformation to prices of production; a Marx-immanent critique and reconstruction. *Historical Materialism*, v. 25, n. 3, p. 3–35, 2017.
- REUTEN, G. The redundant transformation to prices of production: a Marx-immanent critique and reconstruction. In: LINDEN, M. van der; HUBMANN, G. (Ed.). *Marx's Capital – an unfinished and unfinishable project?* Leiden / Boston / Köln: Brill Academic Publishers, 2018. p. 157–194.
- SCHEFOLD, B. Einführung zu MEGA II/15. In: *Das Kapital, Kritik der politischen Ökonomie, Dritter Band, MEGA II/15*. 2004. p. 871–910.
- SMITH, T. Surplus profits from innovation; a missing level in *Capital III*? In: CAMPBELL, M.; REUTEN, G. (Ed.). *The Culmination of Capital: Essays on Volume III of Marx's 'Capital'*. New York: Palgrave–Macmillan, 2002. p. 149–173.
- SWEEZY, P. A. *The Theory of Capitalist Development*. New York / London: Modern Reader Paperbacks, [1942] 1968.
- VOLLGRAF, C.-E. Einführung zu MEGA II/4.3. In: *MEGA II/4.3*. 2012. p. 421–474.
- VOLLGRAF, C.-E. Marx's further work on *Capital* after publishing volume 1: on the completion of part II of the MEGA. In: LINDEN, M. van der; HUBMANN, G. (Ed.). *Marx's Capital – an unfinished and unfinishable project?* Leiden / Boston / Köln: Brill Academic Publishers, 2018. p. 56–79.

VOLLGRAF, C.-E.; ROTH, R. Introduction, contextualization, and notes on the genesis and handing down of the MEGA II/14 texts. In: *MEGA II/14*. Akademie Verlag, 2003. p. 381–489. (with collaboration of Jürgen Jungnickel).

WILLIAMS, M. Why Marx neither has nor needs a commodity theory of money. *Review of Political Economy*, v. 12, n. 4, p. 435–451, 2000.